



COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO

NUCLEAR INTERPROFESSIONAL SKILLS IN HEALTH CARE: A THEORETICAL STUDY

COMPETENCIAS INTERPROFESIONALES NUCLEARES EN SALUD: UN ESTUDIO TEÓRICO

Joyce Aparecida da Luz Colaço¹, Larissa Luiza Dotto Dias¹, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro¹, Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues¹, Wesley Meleti dos Santos¹, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade², Thiago Luis de Andrade Barbosa³, Monica Augusta Mombelli⁴

e412607

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i1.2607>

PUBLICADO: 01/2023

RESUMO

As mudanças de perfil epidemiológico, consequentes do aumento da expectativa de vida e das condições crônicas de saúde, trazem a necessidade da integralidade do cuidado, capaz de contemplar as necessidades biopsicossociais de indivíduos, grupos e populações. Logo, no intuito de melhorar a colaboração e qualidade da atenção em saúde de modo interativo, tem-se a Educação Interprofissional, entendida como um processo de preparação de pessoas para a prática colaborativa, que abarca seis domínios de competências a serem desenvolvidos nos profissionais para promover os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais. Esse estudo tem por objetivo apresentar e analisar a educação interprofissional e seus respectivos domínios na perspectiva do documento intitulado *Canadian Interprofessional Health Collaborative*, refletir sobre a formação acadêmica e as práticas em saúde no País. Trata-se de um estudo teórico que discute individualmente as competências interprofissionais e o seu desenvolvimento para uma melhor qualidade no atendimento prestado nos serviços de saúde. Conclui-se que a formação e a educação na saúde devem possibilitar uma reflexão crítica sobre as transformações e a atuação de profissionais no contexto da saúde fomentando a consolidação do cuidado centrado no usuário em uma perspectiva biopsicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Interprofissional. Relações Interprofissionais. Pessoal de saúde.

ABSTRACT

Changes in the epidemiological profile, resulting from increased life expectancy and chronic health conditions, bring the need for comprehensive care, capable of addressing the biopsychosocial needs of individuals, groups and populations. Therefore, in order to improve collaboration and the quality of health care in an interactive way, there is Interprofessional Education, understood as a process of preparing people for collaborative practice, which encompasses six domains of competences to be developed in professionals to promote essential knowledge, skills, attitudes and values. This study aims to present and analyze interprofessional education and its respective domains from the

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

² Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros. Graduada em Enfermagem e em Teologia. Líder do "Grupo de Estudos e Pesquisas em Maternidade, Saúde da Mulher e da Criança" no CNPQ. Docente do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de Integração Latino-Americana e do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família.

³ Doutor em Ciências da Saúde na linha de pesquisa Epidemiologia populacional e molecular pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros. Especialista em Urgência, Emergência e Trauma pelas Faculdades Santo Agostinho de Montes Claros. Bacharel em Enfermagem pela Universidade Estadual de Montes Claros. Consultor ad hoc da Revista Cadernos de Ciência e Saúde, Revista Cubana de Enfermería. Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Biociências da UNILA, orientador de mestrado. Docente e Tutor do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Coordenador do PET-Saúde Interprofissionalidade da UNILA.

⁴ Centro Universitário União Dinâmica das Cataratas - UDC.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

perspective of the document entitled Canadian Interprofessional Health Collaborative, reflecting on academic training and health practices in the country. This is a theoretical study that individually discusses interprofessional competences and their development for a better quality of care provided in health services. It is concluded that training and education in health should enable a critical reflection on the transformations and actions of professionals in the health context, fostering the consolidation of user-centered care from a biopsychosocial perspective.

KEYWORDS: *Interprofessional Education. Interprofessional Relations. Health personnel.*

RESUMEN

Los cambios en el perfil epidemiológico, resultantes del aumento de la esperanza de vida y de las condiciones crónicas de salud, traen consigo la necesidad de una atención integral, capaz de atender las necesidades biopsicosociales de individuos, grupos y poblaciones. Por tanto, para mejorar la colaboración y la calidad de la atención en salud de forma interactiva, existe la Educación Interprofesional, entendida como un proceso de preparación de las personas para la práctica colaborativa, que engloba seis dominios de competencias a desarrollar en los profesionales para promover los conocimientos esenciales, habilidades, actitudes y valores. Este estudio tiene como objetivo presentar y analizar la educación interprofesional y sus respectivos dominios en la perspectiva del documento titulado Canadian Interprofessional Health Collaborative, reflexionando sobre la formación académica y las prácticas de salud en el país. Se trata de un estudio teórico que discute individualmente las competencias interprofesionales y su desarrollo para una mejor calidad de la atención prestada en los servicios de salud. Se concluye que la formación y la educación en salud deben posibilitar una reflexión crítica sobre las transformaciones y acciones de los profesionales en el contexto de la salud, favoreciendo la consolidación del cuidado centrado en el usuario desde una perspectiva biopsicosocial.

PALABRAS CLAVE: *Educación Interprofesional. Relaciones Interprofesionales. Personal de salud.*

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, estudos sobre a educação interprofissional (EIP) tiveram início no Reino Unido, em 1987, no Centro para o avanço da Educação Interprofissional (CAIPE). A definição apresentada em 2002 para EIP foi “ocasiões em que duas ou mais profissões aprendem umas com as outras para melhorar a colaboração e a qualidade do atendimento” (BARR, 2002, p. 6). Anos mais tarde, um grupo canadense publicou o *Canadian Interprofessional Health Collaborative* (CIHC) e conceituou a EIP como um processo de preparação de pessoas para a prática colaborativa, apresentando seis domínios de competências a serem desenvolvidos nos profissionais para promover os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para a prática interprofissional (CIHC, 2010).

A EIP é reafirmada pela Organização Mundial da Saúde em 2010, como a ocasião na qual profissionais de duas ou mais profissões aprendem com os outros, sobre os outros e entre si para melhorar a colaboração e qualidade do cuidado. Visa ainda potencializar o trabalho em equipe e reduzir barreiras e fomentar a aproximação entre as diferentes profissões. Usuários, familiares e comunidade são motivados a trabalharem com diferentes profissionais de saúde (GURAYA; BARR, 2018).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

A EIP, destaca-se no cenário nacional e internacional, visto que, mostra-se como uma estratégia capaz de otimizar a qualidade dos serviços de saúde, que devem ser operacionalizados através de um efetivo trabalho em equipe, embasado na perspectiva da prática colaborativa. Conseqüentemente abarca processos de formação e educação na saúde que possam consolidar relações colaborativas entre as pessoas que atuam no cenário saúde, visando oferecer segurança ao paciente, reduzir erros dos profissionais e minimizar gastos do sistema de saúde. Nacionalmente, refletindo sobre a qualidade da atenção na saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), a EIP através de seus aspectos teóricos, técnicos e metodológicos subsidia a concepção ampliada de saúde, que vai em direção ao debate sobre a integralidade do cuidado, em um contexto predominantemente coletivo, ou seja, o trabalho em saúde (COSTA, 2016).

Diante disto, é importante considerar que as mudanças no perfil demográfico e epidemiológico, consequenciam em alterações na complexidade do cuidado, logo uma abordagem centrada no paciente e profissionais cada vez mais competentes para a execução do cuidado interprofissional são necessárias (SINGER *et al.*, 2018). Entretanto, é imprescindível entender que concepção de competência pode ser confundida e usada genericamente como sinônimo de conhecimento, habilidades e atitudes, porém encontra-se na literatura definições distintas, mas complementares, entre as três. O conhecimento é concebido como o aporte de informações organizadas em contexto, que possibilita a compreensão de processos e sistemas. A habilidade é entendida como a capacidade de aplicação desses conhecimentos para a realização de objetivos específicos. A atitude compreende os aspectos sociais e afetivos em um contexto comportamental durante o trabalho e, envolve confiança, valorização, comprometimento e integridade (MALLIDOU *et al.*, 2018).

A EIP é utilizada para que estudantes e profissionais das diversas áreas da saúde possam se relacionar e aprender a trabalhar em equipe, compartilhar conhecimentos e experiências, e assim, diminuir gradativamente a fragmentação do cuidado através da prática interprofissional colaborativa, principalmente na Atenção Primária à Saúde (PREVIATO; BALDISSERA, 2018). Os benefícios das práticas colaborativas na realidade dos serviços são inúmeras, dentre elas é possível mencionar: o aumento das conexões entre as pessoas, o desenvolvimento de habilidades interprofissionais, a compreensão de papéis e respeito entre profissionais. No contexto acadêmico, os benefícios são experiências que promovam uma formação holística para as complexidades do trabalho interprofissional baseado em problemas da realidade (ILLINGWORTH; CHELVANAYAGAM, 2017).

A educação e a prática interprofissional está relacionada diretamente com o propósito de colaboração. A colaboração interprofissional é essencial para a qualidade e eficiência de um atendimento e seus resultados de saúde, enquanto melhora a interação interprofissional por meio da aplicação de ferramentas que compreendem a identidade compartilhada, objetivos em comum, interdependência, integração, responsabilidade compartilhada e tarefas em equipe (BISPO; ROSSIT, 2020).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

Partindo do pressuposto que o papel principal da colaboração interprofissional é permitir obter melhores resultados de saúde aos usuários, CIHC estabelece e descreve seis competências, sendo que duas delas: comunicação interprofissional e cuidado centrado no paciente, família e comunidade, dão suporte para as outras quatro: clarificação dos papéis, trabalho em equipe, liderança colaborativa e resolução de conflitos interprofissional, conforme pode ser visto pelo esquema representado na Figura 1, o objetivo final em exercer essas competências é melhorar a qualidade da assistência à saúde (CICH, 2010).



Figura 1. Esquema representativo da relação entre as competências interprofissionais.
Fonte: (CICH, 2010).

A premissa de que para a entrega de uma atenção em saúde de melhor qualidade é necessária uma efetiva colaboração interprofissional, torna necessário o conhecimento por parte dos profissionais das competências nucleares para a prática e aplicabilidade dos pressupostos teóricos da EIP na realidade da formação profissional e no cotidiano dos serviços de saúde. Sabe-se que as necessidades dos usuários dos serviços de saúde são complexas, variáveis e que os esforços na colaboração podem mitigar a fragmentação do cuidado em saúde.

Sendo assim, afirma-se que a relevância de estudos sobre as competências interprofissionais reside em analisar teoricamente a interface com prática na realidade dos serviços, quais são os



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

requisitos para o cumprimento dessas, baseados nas habilidades e conhecimentos dos profissionais, e assim proporcionar uma atenção em saúde eficiente. Essas competências formam o complexo saber agir que engloba o desenvolvimento contínuo de um conjunto integrado de conhecimentos, habilidades, atitudes e julgamentos, conforme as necessidades apresentadas pelo contexto atual em saúde, independentemente do nível de atenção.

Por fim, esse estudo objetiva apresentar e analisar a educação interprofissional e seus respectivos domínios na perspectiva do documento intitulado *Canadian Interprofessional Health Collaborative*, refletir sobre a formação acadêmica e as práticas em saúde no País, para assim, contribuir progressivamente com a inserção dessas competências na rotina profissional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 COMUNICAÇÃO INTERPROFISSIONAL

A comunicação interprofissional, reconhecida como primordial entre os domínios elencados para alcançar a prática interprofissional em saúde, é uma abordagem responsável e colaborativa entre aprendizes e profissionais. Para a efetividade dessa competência é necessário o estabelecimento de princípios de comunicação, tais como: escuta ativa, entendimento comum das decisões do cuidado, desenvolvimento de relações de confiança com os usuários; famílias e outros membros da equipe, bem como o adequado uso das tecnologias da informação (CICH, 2010).

A comunicação ocorre de forma verbal ou escrita e, também, de modo não-verbal, agregando a linguagem corporal, atitudes e tons. Ademais, a comunicação interprofissional, pode ocorrer de maneira síncrona ou assíncrona. A primeira acontece em tempo real, como em uma reunião e a segunda, quando são deixados registros em documentos ou quadros. Profissionais de diferentes áreas podem ser mais detalhistas ou sucintos quanto à transmissão de informações, bem como podem estruturar um caso narrando com subsídio teórico e técnico de sua própria profissão e os desfechos dessas disparidades podem gerar entendimento, frustrações ou desentendimentos. A integração para uma efetiva comunicação nesse contexto é a adoção de multivocidade pela equipe de trabalho. (FORONDA; MACWILLIAMS; MCARTHUR, 2016).

Independente da situação, é necessário compreender que a assimilação das informações entre os membros da equipe ocorre quando há transparência, promoção das relações de confiança, honestidade e respeito. O respeito mútuo é primordial para a comunicação interprofissional, visto que, estabelece um ambiente positivo e propício ao compartilhamento de objetivos, planos colaborativos, tomada de decisão e compartilhamento das responsabilidades. Pensando sobre aplicabilidade dessa competência, entende-se que ela requer a decisão de efetividade e escolha quanto a: negociação, consulta, interação, discussão e debate (CICH, 2010).

No cotidiano dos serviços, entende-se que a adequada comunicação entre os profissionais para o cuidado integral à saúde transcende o uso da troca de informações a respeito dos usuários.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

Para o trabalho colaborativo interprofissional, comunicar-se é o elemento crucial para o desenvolvimento da cultura de grupo, do compartilhamento de saberes, experiências, inquietações e o esclarecimento do papel de cada profissional da equipe (PREVIATO; BALDISSERA, 2018).

Por outro lado, observa-se que a relação entre a má comunicação e piores desfechos na saúde dos usuários é consequência de atrasos nos tratamentos, erros de medicação e injúrias para com os pacientes. Ambientes de trabalho com ritmo rápido, alta frequência de interrupções e estresse oferecerem múltiplos obstáculos para uma boa comunicação, entretanto, o estabelecimento de padrões estruturados, organizados e integrados de comunicação gera um modelo mental compartilhado para entendimento mútuo (FORONDA; MACWILLIAMS; MCARTHUR, 2016).

Visando a interface teórico-prática é preciso desenvolver ações que em estudantes e profissionais inseridos no serviço de saúde possam conseguir estabelecer princípios de comunicação no trabalho em equipe. Exercitar a escuta ativa entre os membros da equipe, pacientes e seus familiares, certamente permite maior efetividade nas ações e assegura melhor entendimento acerca das decisões voltadas ao cuidado.

A implantação pedagógica dessa competência, no intuito do desenvolvimento de ações práticas, pode ocorrer através de simulações interprofissionais. É recomendável a imersão precoce em padrões de comunicação com ênfase na valorização da diversidade e integração profissional como membros de uma equipe. O ensino também pode incluir *workshops*, módulos *online* e estudos de casos (FORONDA; MACWILLIAMS; MCARTHUR, 2016).

Uma pesquisa com o intuito de analisar a prática interprofissional na Estratégia Saúde da Família (ESF) em um município no estado da Paraíba, sobre o domínio comunicação interprofissional identificou que a troca de experiências com os profissionais da equipe e com os usuários do serviço consolidam uma relação de escuta e confiança. Ademais, a consulta compartilhada é entendida como um espaço de diálogo e aprimoramento do respectivo domínio (DINIZ; MELO; VILAR, 2021).

Outro estudo, realizado com 22 profissionais de saúde que atuam na unidade de emergência de um hospital geral público, de grande porte, alta complexidade, terciário, no Estado da Bahia, com o objetivo de mapear fatores internos e externos que interferem na prática comunicativa interprofissional, constatou que os profissionais compreendem a importância da comunicação como medida de segurança, utilizam a passagem de plantão e a comunicação escrita para compartilhar informações. Entretanto, a superlotação, a sobrecarga de trabalho, a ausência de padronização de condutas assistencial, falhas nas passagens de plantão, a inexperiência de profissionais, *déficit* no relacionamento interprofissional e ausência de protocolo para comunicação verbal são fatores que fragilizam a prática da comunicação para a continuidade do cuidado de maneira segura (COIFMAN *et al.*, 2021).

Por fim, observa-se que a comunicação interpessoal é necessária independentemente do nível de atenção e, é um componente intrínseco ao trabalho em equipe e à colaboração interprofissional, uma vez que os profissionais de diferentes áreas precisam, em alguma medida, se



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

colocar de acordo quanto ao plano de ação subjacente a executar o cuidado e a atenção à saúde (PEDUZZI *et al.*, 2020). Paulatinamente, é necessária a superação do paradigma assistencial biomédico para o interprofissional, visando o fortalecimento da ações que convergem ao paciente e não aos profissionais.

2.2 CLARIFICAÇÃO DE PAPÉIS

A competência clarificação dos papéis, enfatiza que aprendizes e profissionais devem conhecer suas atribuições laborais, bem como as desempenhadas pelos demais, no intuito de atender as demandas de saúde. Cada colaborador necessita ter a capacidade de escuta visando identificar conhecimentos e habilidades indispensáveis para a prática coletiva e colaborativa em saúde. Assim, conhecimentos e habilidades são dirigidos apropriadamente para promover distribuição equitativa da carga de trabalho (CICH, 2010).

Ao entender as atribuições laborais individuais e coletivas é possível evitar falhas, repetições ou fragmentações no cuidado. Como consequência, há melhoria no conjunto de práticas profissionais e efetivação de planejamentos, implementações e avaliações do serviço. As ações que tornam possíveis essa competência são: respeito à cultura da comunidade, uso apropriado da linguagem para comunicação dos papéis e diálogo com os outros membros de modo a permitir o acesso aos conhecimentos e habilidades específicas de cada área profissional (CICH, 2010).

Outrossim, um estudo realizado a partir da experiência do Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde/Interprofissionalidade (PET-Saúde/EIP), na região sudeste do país, identificou sobre essa competência é entendida na prática como a percepção do seu papel profissional como algo importante para entender sua função na equipe e nas trocas com os colegas (SOUZA; BELOTTI; IGLESIAS, 2022).

A clarificação de papéis requer experiências com outros profissionais, tornando a proficiência nessa área particularmente difícil. Estudo realizado no Canadá analisou o desfecho de uma competição amigável colaborativa chamada *Health Care Team Challenge (HCTC)*. As equipes receberam um caso de um paciente e, durante quatro semanas, elaboraram um plano terapêutico interprofissional. Após o evento, os participantes de cinco carreiras diferentes (terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, psicólogo clínico, enfermeiro e médico) responderam aos questionários que envolveram o entendimento das responsabilidades e funções profissionais por meio de perguntas tais como: “Como você avaliaria sua compreensão do papel da sua própria profissão na equipe de saúde?”. O resultado sugeriu que eventos dessa modalidade promovem a clarificação de papéis entre os participantes. Ainda segundo os autores, outros eventos educacionais por períodos maiores facilitariam o desenvolvimento de fortes relações interprofissionais caracterizadas pela confiança mútua e respeito (HUDSON *et al.*, 2017). Reitera-se a importância simulações ou atividades que estimulem a prática interprofissionais (FORONDA; MACWILLIAMS; MCARTHUR, 2016).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

Comumente, profissionais apresentam uma visão limitada e por vezes estereotipada das demais categorias profissionais. Desconhecer o papel e a função dos colegas de equipe pode resultar na desqualificação do trabalho alheio (PEDUZZI *et al.*, 2020). A partir do entendimento dessa perspectiva, o CICH estabelece a clarificação dos papéis como a segunda competência para a colaboração interprofissional.

2.3 TRABALHO EM EQUIPE

Outro domínio capaz de facilitar a compreensão e operacionalização da colaboração interprofissional é o trabalho em equipe. Essa competência é descrita como o entendimento dos princípios, dinâmica e processos do trabalho imprescindíveis para ocorrer a colaboração de maneira efetiva. Sua efetividade depende do respeito aos valores éticos dos membros, discussões facilitadas, interações, participação no compartilhamento de decisão, respeito à ética do grupo; incluindo confiança e profissionalismo. A colaboração requer confiança, respeito mútuo, disponibilidade, comunicação aberta e escuta ativa. A informação compartilhada precisa basear-se no cuidado compartilhado para evitar redundâncias ou lacunas (CICH, 2010).

Sabe-se que, cotidianamente, o trabalho em equipe interprofissional envolve diferentes profissionais, não apenas da área da saúde, que juntos compartilham o senso de pertencimento à equipe e trabalham de maneira integrada e interdependente para atender às necessidades de saúde. O CICH descreve as relações do trabalho em equipe, visando melhor abrangência para o termo no trabalho interprofissional na saúde, com finalidade de explorar essa competência a partir de diversas áreas de conhecimento que formam uma equipe. A compreensão do significado do trabalho em equipe por parte dos profissionais tende a melhorar a funcionalidade da equipe, mesmo em contexto de adversidades em que profissionais compartilham os mesmos espaços físicos, porém com pouca interação e troca de conhecimento interprofissional (CICH, 2010).

O CICH reitera que o trabalho em equipe se torna operacional quando compreende-se o processo de desenvolvimento da equipe, ao envolver um processo em conjunto, valorizando os princípios para o trabalho e respeitando os valores éticos dos membros da equipe. Essa competência aponta também a necessidade de reflexão sobre o funcionamento da equipe e com esse propósito, estabelecer e manter efetivas as relações saudáveis do trabalho (CICH, 2010). O trabalho em equipe e a prática colaborativa podem contribuir para melhorar o acesso e a qualidade da atenção à saúde a usuários e população do território e promover maior satisfação no trabalho dos profissionais envolvidos. (ARRUDA; MOREIRA, 2017).

Peduzzi e Agrelli (2018) após pesquisa sobre o trabalho em equipe em Atenção Primária a Saúde (APS), especificamente na ESF, enumerou cinco elementos-chave do trabalho em equipe que se interliga com a prática colaborativa, a saber: percepção do clima do trabalho em equipe, interação



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

e comunicação, responsabilidade compartilhada, objetivos em comuns e promoção da inovação no trabalho.

A percepção sobre o clima de trabalho em equipe possibilita observar se há existência ou não de confiança entre os membros. A interação e a prática de comunicação de divergências, evitam um ambiente de trabalho competitivo e hostil e oportunizam um debate saudável com tomada de decisão através de responsabilidade compartilhada. Promover a inovação no trabalho em equipe interprofissional é também um elemento que permite a reflexão sobre o desenvolvimento das ações praticadas pela equipe: se estão ou não respondendo às necessidades dos usuários e comunidades; se utilizam a interação e a comunicação para aprenderem novas práticas em conjunto (PEDUZZI; AGRELI, 2018).

Por fim, o compromisso com o trabalho interprofissional tem como objetivo principal fornecer o melhor atendimento possível aos usuários, família e comunidade, capacitando os profissionais a atuarem em conjunto e de maneira colaborativa. Essa competência, além de ter seu objetivo pensado para o melhor atendimento do usuário, demonstra também a necessidade dos membros da equipe se sentirem confortáveis com sua atuação, refletindo sempre em sua eficácia dentro da equipe através do diálogo e da consciência organizacional (CICH, 2010).

2.4 CUIDADO CENTRADO NO PACIENTE, FAMÍLIA E COMUNIDADE

O cuidado centrado no paciente, família e comunidade se refere à procura para integrar e valorizar o engajamento dos usuários em conceber e implementar o cuidado, o qual deve ser realizado de forma que a equipe tenha acesso a recursos para ofertá-lo, na prática com a participação dos usuários, família e comunidade havendo participação conjunta no planejamento, implementação e avaliação. As informações a serem compartilhadas devem ser tratadas de forma respeitosa, visando promover a compreensão e o encorajamento das discussões para a tomada de decisão participativa. (CICH, 2010).

Entende-se que a escuta ativa e empática de todas as pessoas envolvidas no cuidado imprescindível para a definição e a prestação dos serviços de cuidado. O objetivo principal é permitir ao paciente o controle sobre seu cuidado, através do acesso ao conhecimento, das habilidades dos membros da equipe, além do entendimento dos recursos disponíveis para alcançar o plano. Os pacientes são vistos como especialistas em suas próprias experiências vividas e, conseqüentemente, são fundamentais para a formulação de planos realistas de cuidado (CIHC, 2010).

Ainda, a escuta respeitosa para as necessidades de todos molda a prestação do cuidado, tendo em vista que o usuário é o objeto de trabalho dos profissionais de saúde e detentor de direitos constitucionais assegurados. A participação na gestão da saúde pode orientar o planejamento das ações no intuito de reforçar a ideia de parceria entre o usuário e profissionais na comunidade. (TEDESCO, 2019).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

Historicamente, as populações que compõem o público prioritário das ações de saúde na APS vivem em situação de vulnerabilidade, opressão e desigualdade social, refletidas pela alienação e pelo sentimento de impotência. Logo, é necessário que o usuário seja incorporado e entendido como sujeito ativo no processo do cuidado e que haja a superação do assistencialismo clientelista por parte dos profissionais, através da compreensão da importância da inclusão do paciente em seu cuidado, visualizando-o como parte do processo e não apenas como mero espectador e cumpridor de ordens. (ARAÚJO; JÚNIOR, 2016).

A Política Nacional de Atenção Básica (BRASIL, 2017) apresenta alguns fundamentos e princípios que abarcam a organização dos serviços de saúde centrados nos usuários. Esses são incentivados a desenvolver sua autonomia e construção do cuidado da sua saúde e da saúde das pessoas ao seu entorno. Sendo assim, a equipe de saúde deve se dispor a reorganizar o processo de trabalho, ao alterar o modelo hegemônico de uma assistência predominantemente focada na doença biológica, para uma abordagem que responda às necessidades singulares dos usuários (BRITO; MENDES; SANTOS NETO, 2017).

Mesmo sabendo da importância do cuidado centrado no paciente, no cotidiano do serviço, há muitas dificuldades para sua implementação. Considerando a equipe como fator desafiador, observa-se que a necessidade de envolver e empoderar o usuário demanda mais tempo e atenção dos profissionais, devido à complexidade de algumas doenças. Além disso, também há a questão de os profissionais com formação clássica demonstrarem algum tipo de resistência à implementação de um novo modelo de atenção (GOMES, 2016).

Os principais desafios apresentados quando se considera o paciente, é a possibilidade desse discordar abertamente do seu profissional ou tentar diagnosticar-se e tratar-se. Tais desafios podem ser atribuídos ao paternalismo, crenças e culturas da população e a resistência à mudança dos profissionais por acreditarem já praticar o cuidado centrado no paciente, uma vez que entendem que a prática do cuidado se resume a boas habilidades de comunicação. (GOMES, 2016).

Um estudo realizado por integrantes do projeto de extensão PET-Saúde Interprofissionalidade, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com o objetivo de relatar a experiência vivenciada por participantes da nona versão do PET-Saúde, em uma oficina educativa sobre competência colaborativa verificou que os 44 participantes declararam que obtiveram e aplicaram conhecimentos de modo satisfatório a respeito da competência trabalhada. Ademais, identificaram, melhora na relação entre profissionais e pacientes (VIEIRA *et al.*, 2021).

Por fim, a prática do cuidado centrado no paciente produz efeitos positivos sobre os resultados clínicos, estimula a cooperação e viabiliza o apoio e a consolidação dos seus direitos. Trata-se de um modelo de atenção que se propõe a romper paradigmas remanescentes do modelo biomédico e superar a fragmentação do cuidado (RODRIGUES *et al.*, 2019).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

2.5 LIDERANÇA COLABORATIVA

A competência liderança colaborativa descreve a situação em que aprendizes e profissionais entendem e aplicam os princípios da liderança que embasam o modelo colaborativo. Esse domínio apoia a decisão compartilhada, mas também a contínua responsabilidade individual pelas próprias ações tomadas no âmbito profissional. Endossa-se a colaboração interprofissional para determinar quem assumirá posição de liderança em qualquer situação. Para efetivos resultados é preciso: avanço na interdependência das relações de trabalho entre todos os participantes, facilitação da efetividade do processo de trabalho em equipe, tomada de decisões efetivas, estabelecimento de um clima propenso ao compartilhamento de liderança e prática colaborativa, aplicação dos princípios de tomada de decisões e integração dos princípios de melhoria contínua da qualidade do processo de trabalho e resultados (CICH, 2010).

O conceito de liderança se modificou durante os anos. A ideia tradicional de um líder, centrada na figura individual, é muito simplista para a complexidade dos novos modelos das organizações sociais do século XXI. No século XX, adotava-se uma postura individual e centrada no líder. No século XXI, o funcionamento excelente está atrelado a esfera colaborativa e coletiva, ou seja, consideraram-se também as pessoas envolvidas no entorno, os liderados. As equipes com líderes que compartilham decisões no mesmo nível hierárquico e assumem papéis de liderança em situações pontuais tornam a relação dinâmica em que os membros do grupo são inseridos a compartilharem seus conhecimentos e experiências para atender as demandas (BIANCHI; QUISHIDA; FORONI, 2016; BURMESTER, 2017).

A escolha do líder dependerá do contexto e necessidades para um determinado momento. Há possibilidades de que mais de um profissional assumam a posição de liderança, como, por exemplo, um para monitorar o fluxo de trabalho e outro para estabelecimento de vínculos entre os usuários e a equipe, numa relação de auxílio mútuo (CICH, 2010).

A liderança colaborativa é baseada na necessidade de conhecimentos específicos sobre um determinado assunto em que um membro torna-se responsável por liderar naquele momento. Isso não exclui a participação da equipe na tomada de decisão sobre as ações a serem desenvolvidas. Para efetivar a liderança colaborativa é importante que haja confiança e segurança entre os membros da equipe, definição de papéis, habilidades para superar diferenças pessoais e para enfrentar as dificuldades encontradas em cada situação (CICH, 2010).

Sabe-se ainda, que a liderança colaborativa deve ser transformadora, proporcionando condições para o crescimento e aperfeiçoamento dos membros da equipe, com base no respeito e honestidade, permitindo que os sujeitos se sintam seguros nas discussões e ampliem a comunicação, sobretudo na escuta ativa. Tais hábitos e comportamentos afirmativos contribuem para a baixa rotatividade e maior produtividade dos profissionais e usuários (MENDONÇA, 2019). O sucesso da liderança colaborativa depende de profissionais sensíveis às mudanças e envolvidos com



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

sua equipe na prestação de um cuidado de qualidade, sempre com enfoque cooperativo (PREVIATO; BALDISSERA, 2017).

A CIHC descreve como características dessa competência: interdependência nas relações de trabalho; eficácia facilitada para a tomada de decisão; estabelecimento de um clima de colaboração prática entre todos os membros; cocriação de um clima para liderança compartilhada e para prática colaborativa; eficácia na facilitação nos processos de equipe; o trabalho em equipe permite um resultado mais eficaz para o usuário; aplicação dos princípios de tomada de decisão colaborativa e, integração dos princípios para a melhoria dos resultados do processo de trabalho (CIHC, 2010).

Na área da saúde foram evidenciadas barreiras inerentes às atividades que prestam assistência e também atividades administrativas, para o desenvolvimento da liderança colaborativa, a saber: estilos de liderança, gestão de conflitos, tomada de decisão e relacionamento interpessoal. Por outro lado, a liderança colaborativa auxilia no processo de motivação e capacitação para alcançar um determinado objetivo comum entre a equipe. Em relação aos distintos estilos de liderança, os profissionais adotam condutas para tornar o gerenciamento de equipe um processo harmônico, o que torna o ambiente de trabalho um local onde todos da equipe podem contribuir com suas ideias. (BRAUN; FAGUNDES, 2017).

Muitos conflitos nascem em equipes entre seus participantes. Questões com a liderança são problemas extremamente comuns e, nesse sentido, emerge a necessidade de equipes coesas e lideranças fortes com intenções claras e projeto de ação bem estabelecidos. Planejamento, avaliação, troca de informações e de experiências, bem como, a constante oferta de oportunidades de formação e de crescimento, são fundamentos importantes para a construção de boas equipes (BISPO; ROSSIT, 2020).

2.6 RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERPROFISSIONAIS

A última competência, não menos importante é a resolução de conflitos interprofissionais que envolve um positivo e construtivo enfrentamento dos desacordos que surgem. Para suporte prático dessa competência é necessário: valorizar o potencial da natureza positiva do conflito, reconhecer a ocorrência de um conflito e tomar medidas para resolvê-lo, identificar situações comuns que são passíveis a desacordos ou conflitos, incluindo ambiguidades, gradientes de poder e diferentes objetivos (CIHC, 2010).

Além disso, deve-se conhecer e entender quais são as estratégias para lidar com os conflitos, padronizar protocolos para a condução de desacordos e trabalhar efetivamente para resolvê-los. O documento em análise aponta ainda a importância da: procura por soluções aceitáveis, estabelecimento de um ambiente seguro, no qual há expressão de diversas opiniões, desenvolvimento de um nível de consenso entre os diferentes pontos de vista e condução de todos os membros a perceberem que seus respectivos pontos de vista são escutados (CIHC, 2010).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

A saúde é uma ciência e uma prática suscetível a vivência de conflitos interpessoais devido à dinâmica e complexidade em que ocorre (SOARES CLARO; SANTOS SILVA DA CUNHA, 2017). Na rotina de trabalho, as experiências conflituosas podem ser toleradas à medida que se tornam construtivas ao ambiente laboral ao invés de prejudicar a relação entre os profissionais.

O contexto da saúde, pública ou privada, em especial a organizacional, seja médica, clínica ou hospitalar, caracteriza-se por integrar um conjunto de diferentes subculturas, destacando-se a médica, da enfermagem, do diagnóstico laboratorial, da técnica especializada, bem como, mais recentemente, a tecnologia de informação, a robótica na saúde, a engenharia e a informática. Além do consumidor final, que também apresenta particularidades culturais, há ainda a família, os amigos, e a sociedade local (NASCIMENTO, 2016). Por ser uma área tão heterogênea são esperados conflitos em seu cotidiano, logo a importância da transversalidade dos domínios discutidos visando a construção de um ambiente laboral que contribua a qualidade de vida e ao bem-estar de profissionais, usuários e comunidade.

Os conflitos podem advir de relacionamentos com pessoas que possuem valores, crenças, formação e objetivos diferentes; questões econômicas e profissionais divergentes e expectativas profissionais mal definidas dentro do ambiente institucional. Logo, podem ser classificados em três categorias: intrapessoal, cujo enfoque é tornar claro, internamente, valores e desejos contraditórios; conflitos interpessoais, que envolve duas ou mais pessoas com valores, objetivos e crenças distintas; e intergrupais, entre dois ou mais grupos de pessoas, departamentos ou organizações (MARQUIS; HUSTON, 2005; SILVA; TEIXEIRA; DRAGANOV, 2018).

Ao estudar os conflitos na APS destaca-se a comunicação deficiente entre os profissionais entrevistados, falta de profissionais e condutas divergentes entre gerência e supervisão, sugerindo mudanças no trabalho em equipe. É necessário superar a fragmentação do cuidado e das relações interpessoais, contribuir com condução do processo de trabalho e gerenciar os conflitos (FURTADO, 2016). Na atenção secundária e terciária, os conflitos também existem e, estão relacionados à divergência de ideias, desacordo, desavença, desentendimento e discórdia entre duas ou mais pessoas, opiniões contrárias e visões diferentes no ambiente de trabalho sobre o cuidado (FURTADO, 2016).

Diante disso, a mediação de conflitos no trabalho em saúde torna-se imprescindível como instrumento eficiente para as decisões. A compreensão, a aceitação da diversidade de opiniões e o diálogo reduzem as situações de conflito. A negociação procura solucionar o conflito de forma satisfatória para todos os envolvidos com a finalidade de alcançarem um objetivo maior (PARISI; SILVA, 2018).

O desfecho de um conflito em uma equipe pode ter efeito positivo (construtivo) ou negativo (destrutivo) dependendo das razões que o geraram e conforme é gerenciado por seus membros. O primeiro gera crescimento dentro da equipe e aumento do conhecimento profissional, visto que há uma troca de ideias e informações entre os profissionais, melhorando a tomada de decisões. Além



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

disso, pode ser uma oportunidade de melhorar a comunicação dentro do grupo, estimulando a união da equipe e conseqüentemente leva a melhoria do atendimento ao usuário. Já o segundo gera um efeito negativo que reflete na equipe como um todo e pode conseqüenciar na diminuição da qualidade do atendimento oferecido ao usuário (YUFENYUY, 2018).

O CIHC aponta que é necessário conhecer e compreender estratégias para lidar com conflitos. Há alguns conhecimentos, habilidades e atitudes que auxiliam principalmente o líder a negociar e solucionar conflitos e podem ser utilizados no trabalho interprofissional:

- Comunicação efetiva e *feedback*: a comunicação é de extrema importância entre os membros, pois facilita o relacionamento interpessoal e desenvoltura do trabalho em equipe. O *feedback* é utilizado para a avaliação de ações ou resultados obtidos individualmente, ou em grupo;
- Capacidade de observação: auxilia a ter uma visão holística e estar atento à equipe na rotina;
- Discernimento: sensatez e clareza para compreender as situações, saber qual o melhor momento de falar com os profissionais e agir sempre com ética;
- Comprometimento: trabalhar em conjunto com a equipe, definindo objetivos comuns a todos os membros, respeitando todas as opiniões e ter cautela para lidar com divergências entre os membros;
- Liderança: ser um modelo para a equipe, motivar para alcançar melhores resultados, valorizando habilidades, respeitando dificuldades, saber distribuir tarefas, de acordo com o papel de cada profissional e manter um ambiente de trabalho saudável (CIHC, 2010).

Adotar tais estratégias pode ser um diferencial na negociação dos conflitos. O líder deve reconhecer valores, pontos fortes e desenvolver habilidades relacionadas aos serviços prestados pela instituição em que está inserido, respeitando as diferenças socioeconômicas e culturais, manter um bom diálogo, criar vínculos para que os demais profissionais possam ter confiança para discutir sobre os conflitos (DE SOUSA *et al.*, 2018).

Por fim, enquanto elemento constituinte do processo de trabalho é importante destacar que a reunião de equipe é um espaço privilegiado, que estimula o agir comunicativo e favorece a resolução de problemas e conflitos (MARIN; RIBEIRO, 2021).

3. CONSIDERAÇÕES

O conhecimento das competências nucleares pelos profissionais de saúde efetiva a prática da colaboração interprofissional e resultam em um melhor atendimento das necessidades dos usuários nos serviços de saúde, ao serem inseridas no trabalho da equipe.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

As habilidades, conhecimentos e atitudes a serem desenvolvidos pelos profissionais como proposto na CIHC apontam as competências e suas definições para colocá-las em prática. A temática ao longo da literatura analisada vem sendo abordada com maior frequência durante os anos, porém não de maneira integrada. Este trabalho buscou a integração, visando a compreensão das competências interprofissionais e o seu desenvolvimento para uma melhor qualidade no atendimento prestado nos serviços de saúde.

A análise dos resultados permitiu identificar habilidades, conhecimentos e atitudes relacionadas ao trabalho e colaboração interprofissional imprescindíveis para a atuação dos profissionais de saúde na prática. A literatura apresenta definições, embasamento e exemplos para execução das competências de comunicação interprofissional, clarificação dos papéis, cuidado centrado no paciente, família e comunidade, liderança colaborativa e gestão de conflitos interprofissionais.

O exercício das competências interprofissionais promove um trabalho integrado e colaborativo entre os profissionais com o intuito de um cuidado com foco nas necessidades da população assistida e na qualidade da assistência à saúde. Observa-se que quando aplicadas as competências interprofissionais tem desfechos muito favoráveis. Entretanto, a sua utilização não é uma realidade no contexto brasileiro.

A análise realizada neste trabalho mostra a necessidade de ampliar a discussão sobre as competências interprofissionais no cenário de prática dos profissionais de saúde através da educação permanente em saúde e também nos cenários de formação por meio da inserção da educação interprofissional na grade curricular dos cursos de graduação.

Por fim, verifica-se a necessidade de se aumentarem as investigações sobre o tema no cenário do SUS, tanto na atenção primária como na especializada. Destaca-se a utilização de método mistos que permitem tanto pesquisas conceituais e de experiências em curso, quanto a validação e aplicação de instrumentos de medida e avaliação da efetividade do trabalho em equipe e prática colaborativa. De igual importância é a ampliação do debate e implementação da educação interprofissional no país, imprescindível para o fortalecimento do trabalho em equipe integrado e a formação de profissionais de saúde com competências colaborativas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. M. D.; JÚNIOR, J. L. DO A. C. DE A. Usuário, família e comunidade como parte da equipe de saúde na colaboração interprofissional. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, 2016.

ARRUDA, L. DE S.; MOREIRA, C. O. F. Colaboração interprofissional: um estudo de caso sobre os profissionais do Núcleo de Atenção ao Idoso da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (NAI/UERJ), Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 199–210, 12 jun. 2017.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

BARR, H. **Interprofessional Education: Today, Yesterday and Tomorrow. CAIPE, Higher Education Academy, Learning & Teaching Support Network for Health Sciences & Practice, Occasional**, p. 1, 2002.

BIANCHI, E. M. P. G.; QUISHIDA, A.; FORONI, P. G. Atuação do Líder na Gestão Estratégica de Pessoas: Reflexões, Lacunas e Oportunidades. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 1, p. 41–61, fev. 2017.

BISPO, E. P. F.; ROSSIT, R. A. P. S. **Avaliação da colaboração interprofissional: Escala de avaliação da Colaboração Interprofissional em Equipe (AITCS-IIBR)**. São Paulo [SP]: Universidade Estadual de Alagoas; Universidade Federal de São Paulo/Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, 2020.

BRASIL. **Portaria Nº 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo as diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html.

BRAUN, A. C.; FAGUNDES, C. D. P. O desafio do enfermeiro frente à liderança compartilhada e colaborativa. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 6, n. 2, p. 113, 12 jul. 2017.

BRITO, G. E. G. DE; MENDES, A. DA C. G.; SANTOS NETO, P. M. DOS. O objeto de trabalho na Estratégia Saúde da Família. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 64, p. 77–86, 20 jul. 2017.

BURMESTER, H. Liderança compartilhada nas organizações de saúde. **Revista de Administração em Saúde**, v. 17, n. 68, 12 jul. 2017.

CANADIAN INTERPROFESSIONAL HEALTH COLLABORATIVE (Canada). **A National Interprofessional Competency Framework**. Canada: College Of Health Disciplines, 2010. 36 slides, color.

COIFMAN, A. H. M. *et al.* Comunicação interprofissional em unidade de emergência: estudo de caso. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, 2021.

COSTA, M. V. DA. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 56, p. 197–198, mar. 2016.

DE SOUSA, A. C. D. et al. Atuação do Enfermeiro nas estratégias para resolução de conflitos. **Revista de Administração em Saúde**, v. 18, n. 73, 28 dez. 2018.

DINIZ, A. L. T. M.; MELO, R. H. V. DE; VILAR, R. L. A. DE. Análise de uma prática interprofissional colaborativa na Estratégia Saúde da Família. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 3, p. 137–157, 27 ago. 2021.

FORONDA, C.; MACWILLIAMS, B.; MCARTHUR, E. Interprofessional Communication in healthcare: an Integrative Review. **Nurse Education in Practice**, v. 19, n. 1, p. 36–40, jul. 2016.

FURTADO, E. C. A. **Gestão de conflitos em unidades básicas da região leste de saúde do DF**. 2016. 36f. Trabalho de Conclusão de (Curso em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília, 2016.

GOMES, P. H. G. **O cuidado centrado no paciente (na pessoa?) nos serviços de saúde: as estratégias utilizadas pelos governos**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

em Saúde Pública, do Departamento de Administração e Planejamento em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2016.

GURAYA, S. Y.; BARR, H. The effectiveness of interprofessional education in healthcare: A systematic review and meta-analysis. **The Kaohsiung Journal of Medical Sciences**, v. 34, n. 3, p. 160–165, mar. 2018.

HUDSON, C. C. *et al.* Promotion of role clarification in the Health Care Team Challenge. **Journal of Interprofessional Care**, v. 31, n. 3, p. 401–403, 31 jan. 2017.

ILLINGWORTH, P.; CHELVANAYAGAM, S. The benefits of interprofessional education 10 years on. **British journal of nursing (Mark Allen Publishing)**, v. 26, n. 14, p. 813–818, 2017.

MALLIDOU, A. A. *et al.* Core knowledge translation competencies: a scoping review. **BMC Health Services Research**, v. 18, n. 1, 27 jun. 2018.

MARIN, J.; RIBEIRO, C. D. M. Modos de agir para resolução de conflitos na atenção primária. **Revista Bioética**, v. 29, p. 354–362, 6 set. 2021.

MARQUIS, B. L.; HUSTON, C. J. **Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação**. Tradução: Regina Machado Garcez e Eduardo Schaan. 2. ed. Porto Alegre (RS): Artmed, 2005.

MENDONÇA, A. L. T. **A prática interprofissional colaborativa na estratégia saúde da família: análise de uma experiência em um município de pequeno porte**. 2019. 79f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Família) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

NASCIMENTO, D. Mediação de Conflitos na Área da Saúde: experiência portuguesa e brasileira. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, v. 5, n. 3, p. 201, 30 set. 2016.

PARISI, L.; SILVA, J. M. DA. Mediação de conflitos no SUS como ação política transformadora. **Saúde em Debate**, v. 42, n. spe4, p. 30–42, dez. 2018.

PEDUZZI, M. *et al.* Trabalho em equipe: uma revisita ao conceito e a seus desdobramentos no trabalho interprofissional. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. suppl 1, 2020.

PEDUZZI, M.; AGRELI, H. F. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. suppl 2, p. 1525–1534, 2018.

PREVIATO, G. F.; BALDISSERA, V. D. A. A comunicação na perspectiva dialógica da prática interprofissional colaborativa em saúde na Atenção Primária à Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. suppl 2, p. 1535–1547, 2018.

RODRIGUES, J. L. DA S. DE Q. *et al.* Agenda for patient-centered care research in Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 11, p. 4263–4275, 1 nov. 2019.

SILVA, M. M.; TEIXEIRA, N. L.; DRAGANOV, P. B. Desafios do Enfermeiro no gerenciamento de conflitos entre a equipe de Enfermagem. **Revista de Administração em Saúde**, v. 18, n. 73, 28 dez. 2018.

SINGER, Z. *et al.* Interprofessional education day – an evaluation of an introductory experience for first-year students. **Journal of Interprofessional Care**, v. 32, n. 3, p. 399–402, 9 fev. 2018.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

COMPETÊNCIAS INTERPROFISSIONAIS NUCLEARES NO CUIDADO EM SAÚDE: UM ESTUDO TEÓRICO
Joyce Aparecida da Luz Colaço, Larissa Luiza Dotto Dias, Patrícia Cristiane Ribeiro Pinheiro,
Skarlat Manuely da Silva de Souza Rodrigues, Wesley Meleti dos Santos, Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade,
Thiago Luis de Andrade Barbosa, Monica Augusta Mombelli

SOARES CLARO, R. F.; SANTOS SILVA DA CUNHA, P. F. Estratégias de gestão construtiva de conflitos: uma perspectiva dos profissionais de saúde. **Psicologia, Saúde & Doença**, v. 18, n. 1, p. 55–68, 14 mar. 2017.

SOUZA, M. R. DE; BELOTTI, M.; IGLESIAS, A. Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde: experiência da Educação Interprofissional na graduação. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, p. e33811124972, 11 jan. 2022.

TEDESCO, M. F. M. **Cuidado centrado no paciente e sua aplicabilidade em um hospital público universitário**. 2019. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão em Saúde, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2019.

VIEIRA, C. F. G. *et al.* Oficina educativa Atenção Centrada no Paciente: Um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e37310515065–e37310515065, 10 maio 2021.

YUFENYUY, C. S. **The Impact of Interprofessional Conflict on Quality care: the nurse's role**. 2018. 41 f. TCC (Graduação) - Arcada University of Applied Sciences, Helsinki, Finlândia, 2018.